

Juvenal e os intelectuais: tradução da sátira VII

Mônica Costa Vitorino
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
vitorinomonvit@gmail.com

RESUMO: O objetivo principal desse texto é, através da tradução da Sátira VII, de Juvenal, apresentar a condição dos vários profissionais ligados à educação e cultura em Roma no tempo do poeta, isto é, séculos I e II d.C., e demonstrar que o gênero literário escolhido pelo autor, a sátira, serve perfeitamente como fonte para reconstruir o ambiente literário e intelectual romano da época.

Palavras-chave: Juvenal; Sátira VII; intelectuais.

Juvenal and intellectuals: translation of Satire VII

ABSTRACT: The main purpose of the article is, through the translation of Juvenal's seventh satire, to present the condition of the various professionals linked to education and culture in Rome in the poet's time, that is, the 1st and 2nd centuries AD; and demonstrate that the literary genre chosen by the author, the satire, serves perfectly as a source for reconstructing the Roman literary and intellectual environment of the time.

Keywords: Juvenal; Satire 7; intellectuals.

São poucas e incertas as informações sobre a vida do poeta. Décimo Júnio Juvenal teria provavelmente nascido em Aquino, no sul do Lácio, entre os anos de 50 e 60 d.C., ou até mesmo no ano de 67, e teria morrido em 127. A sua produção poética constitui-se de 16 sátiras, em hexâmetros, subdivididas em cinco livros, num total de 3869 versos. A primeira sátira do autor, como geralmente é admitido, tem a função de um prólogo em que o poeta estabelece o seu programa poético. Nos versos 1-21, o autor declara abertamente desejar adotar a sátira como gênero literário e, em seguida, passa a elencar os motivos de tal escolha.

A razão que impele Juvenal a escrever sátiras é a *indignatio* diante dos vícios da cidade; matéria das suas sátiras será escrever tudo aquilo que os homens fazem: seus desejos, temores, iras, prazeres, intrigas.

*cum tener uxorem ducat spado, Mevia Tuscum figat
aprum et nuda teneat uenabula mamma,
patricios omnis opibus cum prouocet unus quo
tondente grauis iuueni mihi barba sonabat,
cum pars Niliacae plebis, cum uerna Canopi
Crispinus Tyrias umero reuocante lacernas
uentilet aestiuum digitis sudantibus aurum
nec suffere queat maioris pondera gemmae,
difficile est saturam non scribere... (1, 22-30)*

Quando um efeminado eunuco casa-se, Mévia transpassa um javali etrusco e com os seios nus segura os venábulo, quando desafia todos os patrícios com as suas riquezas um único homem, cujo corte me fazia ressoar a dura barba de homem feito, quando parte da plebe do Nilo, um escravo de Canopo, Crispino, movimentando os ombros, ajeita o seu manto de púrpura de Tiro e agita, durante o verão, o seu anel de ouro entre os dedos suados, e não poderia suportar o peso de uma gema maior, é difícil não escrever sátira.¹

Após ter escolhido o gênero literário, um escritor latino habitualmente indicava os seus *auctores*, tomando posição em relação a estes. Juvenal, ainda na primeira sátira, declara abertamente tomar como modelo Lucílio: *cur tamen hoc potius libeat decurrere campo // per quem magnus equos Aurunca flexit alumnus* (1, 19-20); “Todavia, por qual motivo prefiro correr neste campo, através do qual o grande filho de Aurunca guiou os seus cavalos?”

¹ Todas as traduções do latim são nossas.

A sátira luciliana (LEFÈVRE, 2003, p. 251-252) se propunha um objetivo concreto e imediato, aquele de proporcionar alegria aos amigos e dores aos inimigos. Esta se caracteriza, na sua crítica a fatos e pessoas do presente, por um acento político e por um tom polêmico. Lucílio apresenta as suas sátiras como surgidas das vísceras, sem mediações ou atenuantes, com uma violenta sinceridade. A característica mais visível entre os dois autores é o tom agressivo endereçado a pessoas designadas pelo próprio nome. Já a divergência entre eles reside no fato de Lucílio ter atacado pessoas vivas da sua época, enquanto Juvenal usou nomes genéricos como *exempla*, seguindo o estilo retórico de fornecer elementos concretos àquilo que se critica e se ataca, de modo a obter a credibilidade do ouvinte. Juvenal, adotando o tom agressivo de Lucílio, assume conseqüentemente uma posição diversa daquela de Horácio, mesmo julgando que os argumentos que pretende tratar poderiam perfeitamente ter sido tratados pelo poeta de Venosa: *haec ego non credam Venusina digna lucerna?* (1, 51): “Essas coisas eu não deveria julgar dignas da lucerna de Venosa?”

O estilo de Juvenal, movido pela indignação, e a sua concepção da sátira parecem incompatíveis com os ensinamentos da *Ars poetica*, bem como a violência do seu tom muito contrastante como os *Sermones*. *Si natura negat, facit indignatio uersum // quaecumque potest, quales ego uel Cluuienus* (1, 79-80), “Se a natureza nega, a indignação faz o verso, como pode, como posso eu ou Cluvieno”.

Segundo Juvenal, inclusive Horácio, que faz opção por uma sátira de tom mais tranquilo, diante de tipos sociais tão corruptos como os contemporâneos de Juvenal, não se recusaria a usá-los como matéria, pois *quis iniquae tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se?* (1, 30-31), “Quem é tão paciente diante de uma cidade tão perversa, tão férrea, a ponto de se conter?”.

A primeira sátira de Juvenal se ocupa principalmente dos problemas de composição e fornece a chave de leitura desejada pelo autor. Seria empobrecedor afirmar que Juvenal tenha escolhido a sátira por ser um gênero destinado unicamente a finalidades éticas e não poéticas, ou então que não se trataria de uma escolha devida a inclinações pessoais, mas a uma necessidade específica, enquanto um gênero no qual o poeta poderia dar vazão a toda a sua raiva.

O verso *si natura negat facit indignatio uersum* (1, 79) introduz uma questão fundamental à discussão da poética de Juvenal. O que, à primeira vista, pode parecer uma afirmação de que, na composição da sátira, não seria necessário o talento poético, não corresponde absolutamente às críticas movidas pelo autor à literatura do seu tempo. Torna-se necessário, portanto, procurar esclarecer o verdadeiro significado do verso. A palavra *natura* equivale aqui, indubitavelmente, a *ingenium*, e, dessa equivalência, se compreende que todo o

discurso se volta para os problemas da *ars*, ou seja, os problemas da elaboração, da elocução, do estilo e da dignidade literária.

Horácio, na sua *Ars poetica*, postula que a obra bela não é resultado exclusivo do gênio e do trabalho, mas sim que, para produzi-la, é necessário o concurso seja da *natura*, seja da *ars*:

*Natura fieret laudabile carmen an arte,
quaesitum est; ergo nec studium sine diuina uena
nec rude quid prosit uideo ingenium alterius sic
altera poscit opem res et coniurat amica* (Hor. *Ars*, 408-411)

Já se questionou se o que torna um poema digno de elogio é a natureza ou a arte: eu não vejo de que serve a dedicação sem uma veia rica, nem o talento sem o polimento; assim, uma coisa pede auxílio da outra, conspirando amigavelmente.

O critério da qualidade poética é introduzido por Juvenal, no âmbito da primeira sátira, no verso 1, 80: *qualecumque potest, quales ego uel Cluuienus*. O resultado artístico obtido poderá ser sublime ou medíocre, dependendo da qualidade ou da mediocridade do escritor. É evidente que não se trata de uma declaração de incompetência da parte de Juvenal. A sua modéstia deve ser entendida como um procedimento retórico, propriamente uma *excusatio*, que, na verdade, constitui um elemento característico dos prefácios em geral.

1. A sátira VII

A sátira é considerada uma suasória, termo derivado do verbo *suadere*, que significa “convencer”, “persuadir”. Indicava o discurso destinado a persuadir alguém a fazer ou não determinada ação. Na forma de discurso deliberativo, foi um dos exercícios mais frequentes nas escolas de retórica da época imperial. É dedicada ao poeta Telesino.

A parte inicial da sátira consiste em uma introdução que estabelece o tema geral, seguido por um grande número de *exempla*. Segundo Juvenal, o imperador é a única esperança para os intelectuais: *et spes et ratio studiorum in Caesare tantum* (7, 1), “Tanto a esperança como a motivação para as letras residem somente em César”.

A identidade desse *Caesar* é objeto de discussão (HELMBOLD; O’NEIL, 1959; HIGHET, 1960, 106-112; PEPE, 1961). Permanece a dúvida se o poeta tinha em mente Trajano ou Adriano. De qualquer modo é provável que Juvenal faça alusão a um período compreendido entre o fim do principado de Trajano e o início do de Adriano, antes da partida deste para uma viagem de inspeção às províncias, no ano 121 d.C.

Além do imperador, não se pode ter ajuda de nenhuma outra fonte, porque, da parte dos nobres que os deveriam patrocinar, os escritores recebem apenas elogios e nada mais: *spes nulla ulterior, didicit iam diues auarus // tantum admirari, tantum laudare disertos* (7, 30-31), “nenhuma outra esperança; o rico avaro logo aprendeu somente a admirar, somente a elogiar os escritores”.

A isso, segue uma exemplificação detalhada da triste condição dos poetas (7, 36-97), e Juvenal argumenta que é difícil produzir obras literárias quando se tem de se preocupar com a própria subsistência: *quis locus ingenio, nisi cum se carmine solo // uexant et dominis Cirrhae Nysaeque feruntur // pectora uestra duas non admittentia curas?* (7, 63-65), “Que espaço para o talento, exceto quando a tua mente, que não admite dois pensamentos, é arrastada pelos senhores de Cirra e de Nisa e se atormenta somente com a poesia?”.

O autor recorda a tranquilidade usufruída por Horácio e Virgílio já que integravam o círculo literário de Mecenas em comparação aos poetas do seu tempo. Para ele não basta a fama, que deve ser seguida por uma recompensa em valor: *contentus fama iaceat Lucanus in hortis // marmoreis, at Serrano tenuique Saleio // gloria quantalibet quid erit, si gloria tantum est?* (7, 79-81), “Satisfeito com a fama, Lucano pode estar tranquilo nos seus jardins de mármore, mas, para Serrano e o pobre Saleio, a que serve a glória, por maior que seja, se é somente glória?”.

A sua conclusão é que um poeta, malgrado a fama, às vezes é obrigado a vender as suas obras por causa da fome:

*curritur ad uocem iucundam et carmen amicae
Thebaidos, laetam cum fecit Statius urbem
promisitque diem: tanta dulcedine captos
adficit ille animos tantaque libidine uolgi
auditur. Sed cum fregit subsellia uersu
esurit, intactam Paridi nisi uendit Agauem* (7, 82-87);

Corre-se a ouvir a agradável voz e a poesia deleitante das *Tebaidas*, quando Estácio tornou a cidade alegre e anunciou o dia: ele impressionou os espíritos atraídos por tamanha doçura e com tanto prazer do público é ouvido. Mas, depois que fez quebrar os assentos com os seus versos, passa fome se não vende a Páris a sua *Agave* inédita.

O autor prossegue comentando a situação dos historiadores (7, 98-104), que também não recebem patrocínio adequado. O número exíguo de versos dedicados aos historiadores é explicado pelo fato de que a situação dos escritores de história, geralmente, aristocratas e políticos aposentados, não exigia patrocínio (COURTNEY, 1980, p. 262).

Em seguida aborda a profissão dos causídicos que, no fim de um processo, conseguem obter somente um presuntinho seco, um pote de atuns pequenos, velhas cebolas e cinco bilhas de vinho sabino, considerado de péssima qualidade, demonstrando que o pagamento não é proporcional ao esforço empregado na defesa da causa.

Se um advogado quer ser conhecido, deve manter um alto nível de vida e dispende quantias enormes de dinheiro em um luxo totalmente exterior; sendo pobre ostenta riquezas que não possui e vai à ruína. Juvenal conclui que em Roma são as aparências que contam e ninguém contratará os serviços de um advogado se esse não demonstra uma boa condição econômica.

Não obstante já ter-se referido a essa classe em termos sarcásticos em outras sátiras, na sátira sétima Juvenal demonstra simpatia por essas pessoas que devem lutar pela sobrevivência, ironizando apenas os que, para conseguir clientes demonstram uma situação de vida absolutamente diferente da realidade:

*[et tamen est illis hoc utile. purpura uendit]
causidicum uendunt amethystina; conuenit illi
et strepitu et facie maioris uiuere consus,
sed finem impensae non seruat prodiga Roma (7, 135-138)*

[contudo isto é útil àqueles. A púrpura enobrece] roupas da cor da ametista enobrecem um advogado; convém a ele viver em um clamor e em uma aparência de maior riqueza, mas, em gastos, a pródiga Roma não põe limites.

Nos versos 150-214, é discutido o problema dos profissionais de declamação, que se esforçam para ensinar os alunos a declamarem, mas não obtêm sucesso pois os alunos são desinteressados e não aprendem nada. Os seus pais gastam enormes somas em pórticos e colunas, mas não querem pagar o salário dos *rhetores* mesmo que todos exijam deles uma extrema competência: *nosse uolunt omnes, mercedem soluere nemo (7, 157)*; “todos desejam saber, ninguém deseja pagar”. Segundo o autor, os professores de retórica, na verdade, além de terem que suportar o tédio indescritível dos exercícios escolares, devem ainda recorrer ao tribunal para obter sua exígua recompensa:

*...et uitae diuersum iter ingreditur
ad pugnam qui rhetorica descendit ab umbra,
summula ne pereat qua uilis tessera uenit
frumenti... (7, 172-175)*

... e iniciará uma carreira diversa aquele que, da sombra da escola de retórica, desce à batalha, a fim de que não perca a ínfima soma com a qual adquire a tésseira frumentária de pouco valor.

Quando um interlocutor, diante da menção dessa condição de miséria dos professores de retórica, recorda a riqueza de Quintiliano, o poeta responde: *exempla nouorum fatorum transi* (7, 189-190); “passa a exemplos de destinos mais singulares”. Daí o autor passa então a discorrer sobre a potência da *Fortuna* na vida de uma pessoa, para concluir: *Si Fortuna uolet, fies de rhetore consul; si uolet haec eadem, fiet de consule rhetor* (7, 197-198); “Se a Fortuna quiser, tu, de retor, tornar-te-á cônsul; se ela igualmente quiser, de um cônsul fará um retor”.

A última profissão a ser comentada na sátira é a dos professores de gramática, que recebem um salário ainda inferior ao dos professores de retórica. Depois de ter perdido a noite no trabalho, deve demonstrar extrema erudição em vários campos. O autor termina a seção confrontando o passado com o presente, um tempo em que os jovens chegam inclusive a surrarem os seus mestres. Apesar disso, os pais exigem que seja dada aos filhos uma erudição incomensurável, além de um rigoroso controle disciplinar, pois deve vigiar os alunos para que não cometam atos libidinosos durante as aulas. Como recompensa, e só no fim do ano, o professor de gramática recebe uma soma bastante menor que a dada a um auriga como prêmio cada vez que vence nas corridas do circo.

147

No desenvolvimento deste artigo, não se pretendeu uma abordagem em que a chave de leitura biográfica determinasse a obra, nem tampouco uma abordagem meramente inversa, em que a obra determinasse as ações, mas um procedimento teórico que afrontasse as complexas implicações entre ambas.

Os estudiosos após informarem que o tema da pobreza de quem exercita atividades intelectuais ocorre, por exemplo, nos epigramas de Marcial e em Tácito, afirmam que o tema para Juvenal devia ser um argumento de vida vivida, quer pela atividade de advogado (v. 14-125), quer por ter produzido poesia.

As informações biográficas sobre os autores, especialmente no caso de escritores antigos, certamente podem contribuir à compreensão das suas obras, porém, caso existam, devem ser analisadas com extrema cautela, ao menos por dois motivos: em primeiro lugar, porque nem sempre constituem testemunhos autênticos, mas sobretudo simples hipóteses, baseadas em indícios pouco consistentes e argumentos raramente incontroversos, geralmente formulados por estudiosos, sejam antigos, sejam modernos, que muitas vezes de mínimos acenos conseguem de algum modo desenvolver teorias que, por mais coerentes e confiáveis que possam parecer, estarão sempre confinadas ao âmbito da simples conjectura, jamais dotadas de plena e segura confiabilidade; em segundo lugar porque essas informações biográficas sobre os autores antigos, caso não sejam

usadas com a devida prudência, além de preconceitos contra o autor às quais se referem, podem motivar uma errônea ou redutiva interpretação da sua obra.

Uma tradição estilística se institui em dois planos: o do conteúdo e o da expressão. Ao sistema do conteúdo pertencem, em primeiro lugar, os temas; ao da expressão, os meios linguísticos e, *lato sensu*, estilísticos. A tradução foi permanentemente orientada por esses dois pressupostos complementares e interdependentes, tendo-se sempre em mente a autonomia do produto literário acabado, corroborado pelos fatos históricos, sociais e políticos que se verificaram presentes na base das escolhas estéticas.

As dificuldades encontradas concernem sobretudo à necessidade contínua de se consultar, além de dicionários e manuais de língua latina em várias línguas, enciclopédias e livros de mitologia, história, cultura, literatura greco-latina e outras disciplinas, imprescindíveis para uma melhor compreensão do texto.

Para o leitor contemporâneo, a obra de Juvenal apresenta características de grande atualidade. Os seus personagens, mesmo pertencendo a tempos muito antigos, parecem familiares, assemelham-se a tipos da crônica hodierna. Ao mesmo tempo, muitas das situações descritas que retratam as atitudes dos personagens, dos seus sentimentos, abstraídas do contexto histórico, podem ser percebidas ainda no momento atual.

A obra de Juvenal oferece abundantes elementos e testemunhos que vão além da esfera da vida privada *stricto sensu*, podendo constituir dados relevantes para uma história social do Império Romano. Do ponto de vista científico, devem ser utilizados com a devida cautela, visto que muitas vezes tais informações não estão plenamente de acordo com os dados oferecidos pelas fontes históricas tradicionais.

Acima de tudo, deve-se ter em mente que Juvenal não é um escritor de história, mas um poeta que, nas suas sátiras, escolhe a sociedade do seu tempo como tema privilegiado. No caso da sátira VII, verifica-se que as informações contidas no poema podem contribuir para elucidar a condição dos poetas, historiadores, causídicos, professores de retórica e gramática nos séculos I – II d.C., época em que eles não dispunham nem de prestígio, nem de patrocínio.

2. Texto latino²

*Et spes et ratio studiorum in Caesare tantum;
solus enim tristes hac tempestate Camenas
respexit, cum iam celebres notique poetae
balneolum Gabiis, Romae conducere furnos
temptarent, nec foedum alii nec turpe putarent*

5

² Na tradução seguiu-se o texto latino da edição de DE LABRIOLLE; VILLENEUVE, 1967.

<i>praecones fieri, cum desertis Aganippes uallibus esuriens migraret in atria Clio. nam si Pieria quadrans tibi nullus in umbra ostendatur, ames nomen uictumque Machaerae et uendas potius commissa quod auctio uendit</i>	10
<i>stantibus, oenophorum, tripedes, armaria, cistas, Alcithoen Pacci, Thebas et Terea Fausti. hoc satius quam si dicas sub iudice 'uidi' quod non uidisti; faciant equites Asiani, [quamquam et Cappadoces faciant equitesque Bithyni]</i>	15
<i>altera quos nudo traducit gallica talo. nemo tamen studiis indignum ferre laborem cogetur posthac, nectit quicumque canoris eloquium uocale modis laurumque momordit. hoc agite, o iuuenes. circumspicit et stimulat uos</i>	20
<i>materiamque sibi ducis indulgentia quaerit. si qua aliunde putas rerum expectanda tuarum praesidia atque ideo croceae membrana tabellae impletur, lignorum aliquid posce ocius et quae componis dona Veneris, Telesine, marito,</i>	25
<i>aut clude et positos tinea pertunde libellos. frange miser calamum uigilataque proelia dele, qui facis in parua sublimia carmina cella, ut dignus uenias hederis et imagine macra. spes nulla ulterior; didicit iam diues auarus</i>	30
<i>tantum admirari, tantum laudare disertos, ut pueri Iunonis auem. sed defluit aetas et pelagi patiens et cassidis atque ligonis. taedia tunc subeunt animos, tunc seque suamque Terpsichoren odit facunda et nuda senectus.</i>	35
<i>accipe nunc artes. ne quid tibi conferat iste, quem colis et Musarum et Apollinis aede relicta, ipse facit uersus atque uni cedit Homero propter mille annos, et si dulcedine famae succensus recites, maculosas commodat aedes.</i>	40
<i>haec longe ferrata domus seruire iubetur in qua sollicitas imitatur ianua portas. scit dare libertos extrema in parte sedentis ordinis et magnas comitum disponere uoces; nemo dabit regum quanti subsellia constant</i>	45
<i>et quae conducto pendent anabathra tiglio</i>	

*quaeque reportandis posita est orchestra cathedris.
nos tamen hoc agimus tenuique in puluere sulcos
ducimus et litus sterili uersamus aratro.
nam si discedas, laqueo tenet ambitiosi* 50
[consuetudo mali, tenet insanabile multos]
*scribendi cacoethes et aegro in corde senescit.
sed uatem egregium, cui non sit publica uena,
qui nihil eorum soleat deducere, nec qui*
communi feriat carmen triuiale moneta, 55
*hunc, qualem nequeo monstrare et sentio tantum,
anxietate carens animus facit, omnis acerbi
inpatiens, cupidus siluarum aptusque bibendis
fontibus Aonidum. neque enim cantare sub antro*
Pierio thyrsusque potest contingere maesta 60
*paupertas atque aeris inops, quo nocte dieque
corpus eget: satur est cum dicit Horatius 'euhoe.'
quis locus ingenio, nisi cum se carmine solo
uexant et dominis Cirrhae Nysaeque feruntur
pectora uestra duas non admittentia curas?* 65
*magnae mentis opus nec de Iodice paranda
attonitae currus et equos faciesque deorum
aspicere et qualis Rutulum confundat Erinys.
nam si Vergilio puer et tolerabile desset
hospitium, caderent omnes a crinibus hydri,* 70
*surda nihil gerneret graue bucina. poscimus ut sit
non minor antiquo Rubrenus Lappa coturno,
cuius et alueolos et laenam pignerat Atreus?
non habet infelix Numitor quod mittat amico,
Quintillae quod donet habet, nec defuit illi* 75
*unde emeret multa pascendum carne leonem
iam domitum; constat leuiori belua sumptu
nimirum et capiunt plus intestina poetae.
contentus fama iaceat Lucanus in hortis
marmoreis, at Serrano tenuique Saleiio* 80
*gloria quantalibet quid erit, si gloria tantum est?
curritur ad uocem iucundam et carmen amicae
Thebaidos, laetam cum fecit Statius urbem
promisitque diem: tanta dulcedine captos
adficit ille animos tantaque libidine uolgi* 85
*auditur. sed cum fregit subsellia uersu
esurit, intactam Paridi nisi uendit Agauen.*

<i>ille et militiae multis largitus honorem semenstri uatum digitos circumligat auro. quod non dant proceres, dabit histrio. tu Camerinos et Baream, tu nobilium magna atria curas? praefectos Pelopea facit, Philomela tribunos. haut tamen inuideas uati quem pulpita pascunt. quis tibi Maecenas, quis nunc erit aut Proculeius aut Fabius, quis Cotta iterum, quis Lentulus alter?</i>	90
<i>tum par ingenio pretium, tunc utile multis pallere et uinum toto nescire Decembri. uester porro labor fecundior, historiarum scriptores? perit hic plus temporis atque olei plus. nullo quippe modo millensima pagina surgit omnibus et crescit multa damnosa papyro; sic ingens rerum numerus iubet atque operum lex. quae tamen inde seges? terrae quis fructus apertae? quis dabit historico quantum daret acta legenti?</i>	95
<i>'sed genus ignauum, quod lecto gaudet et umbra.'</i>	100
<i>dic igitur quid causidicis ciuilia praestent officia et magno comites in fasce libelli. ipsi magna sonant, sed tum cum creditor audit praecipue, uel si tetigit latus acrior illo qui uenit ad dubium grandi cum codice nomen. tunc inmensa caui spirant mendacia folles conspuiturque sinus; ueram deprendere messem si libet, hinc centum patrimonia causidicorum, parte alia solum russati pone Lacertae. consedere duces, surgis tu pallidus Ajax dicturus dubia pro libertate bubulco iudice. rumpe miser tensum iecur, ut tibi lasso figantur uirides, scalarum gloria, palmae. quod uocis pretium? siccus petasunculus et uas pelamydum aut ueteres, Maurorum epimonia, bulbi aut uinum Tiberi deuectum, quinque lagonae. si quater egisti, si contigit aureus unus, inde cadunt partes ex foedere pragmaticorum. 'Aemilio dabitur quantum licet, et melius nos egimus.'</i>	105
<i>huius enim stat currus aeneus, alti quadriuges in uestibulis, atque ipse feroci bellatore sedens curuatum hastile minatur eminus et statua meditatatur proelia lusca.</i>	110
	115
	120
	125

<i>sic Pedo conturbat, Matho deficit, exitus hic est Tongilii, magno cum rhinocerote lauari qui solet et uexat lutulenta balnea turba perque forum iuuenes longo premit assere Maedos empturus pueros, argentum, murrina, uillas; spondet enim Tyrio stlattaria purpura filo. [et tamen est illis hoc utile. purpura uendit] causidicum uendunt amethystina; conuenit illi et strepitu et facie maioris uiuere census, sed finem inpensae non seruat prodiga Roma. fidimus eloquio? Ciceroni nemo ducentos nunc dederit nummos, nisi fulserit anulus ingens. respicit haec primum qui litigat, an tibi serui octo, decem comites, an post te sella, togati ante pedes. ideo conducta Paulus agebat sardonyche, atque ideo pluris quam Gallus agebat, quam Basilus. rara in tenui facundia panno. quando licet Basilo flentem producere matrem? quis bene dicentem Basilum ferat? accipiat te Gallia uel potius nutricula causidicorum Africa, si placuit mercedem ponere linguae.</i>	130
<i>declamare doces? o ferrea pectora Vetti, cum perimit saeuos classis numerosa tyrannos. nam quaecumque sedens modo legerat, haec eadem stans perferet atque eadem cantabit uersibus isdem. occidit miseros crambe repetita magistros. quis color et quod sit causae genus atque ubi summa quaestio, quae ueniant diuersa parte sagittae, nosse uolunt omnes, mercedem soluere nemo. 'mercedem appellas? quid enim scio?' 'culpa docentis scilicet arguitur, quod laeuae parte mamillae nil salit Arcadico iuueni, cuius mihi sexta quaque die miserum dirus caput Hannibal inplet, quidquid id est de quo deliberat, an petat urbem a Cannis, an post nimbos et fulmina cautus circumagat madidas a tempestate cohortes. quantum uis stipulare et protinus accipe: quid do ut totiens illum pater audiat?' haec alii sex uel plures uno conclamant ore sophistae et ueras agitant lites raptore relicto; fusa uenena silent, malus ingratusque maritus</i>	140
<i>152</i>	145
	150
	155
	160
	165

<i>et quae iam ueteres sanant mortaria caecos.</i>	170
<i>ergo sibi dabit ipse rudem, si nostra mouebunt consilia, et uitae diuersum iter ingredietur ad pugnam qui rhetorica descendit ab umbra, summula ne pereat qua uilis tessera uenit frumenti; quippe haec merces lautissima. Tempta</i>	175
<i>Chrysogonus quanti doceat uel Pollio quanti lautorum pueros, artem scindes Theodori. balnea sescentis et pluris porticus in qua gestetur dominus quotiens pluit. Anne serenum expectet spargatque luto iumenta recenti?</i>	180
<i>hic potius, namque hic munda nitet ungula mulae. parte alia longis Numidarum fulta columnis surgat et algentem rapiat cenatio solem. quanticumque domus, ueniet qui fercula docte conponit, ueniet qui pulmentaria condit.</i>	185
<i>hos inter sumptus sestertia Quintiliano, ut multum, duo sufficient: res nulla minoris constabit patri quam filius. 'unde igitur tot Quintilianus habet saltus?' exempla nouorum fatorum transi. felix et pulcher et acer,</i>	190
<i>felix et sapiens et nobilis et generosus adpositam nigrae lunam subtexit alutae, felix orator quoque maximus et iaculator et, si perfrixit, cantat bene. distat enim quae sidera te excipiant modo primos incipientem</i>	195
<i>edere uagitus et adhuc a matre rubentem. si Fortuna uolet, fies de rhetore consul; si uolet haec eadem, fiet de consule rhetor. Ventidius quid enim? quid Tullius? anne aliud quam sidus et occulti miranda potentia fati?</i>	200
<i>seruis regna dabunt, captiuis fata triumphum. felix ille tamen coruo quoque rarior albo. paenituit multos uanae sterilisque cathedrae, sicut Tharsimachi probat exitus atque Secundi Carrinatis; et hunc inopem uidistis, Athenae,</i>	205
<i>nil praeter gelidas ausae conferre cicutas. di maiorum umbris tenuem et sine pondere terram spirantisque crocos et in urna perpetuum uer, qui praeceptorem sancti uoluere parentis esse loco. metuens uirgae iam grandis Achilles</i>	210

*cantabat patriis in montibus et cui non tunc
eliceret risum citharoedi cauda magistri;
sed Rufum atque alios caedit sua quemque iuuentus,
Rufum, quem totiens Ciceronem Allobroga dixit.* 215
*quis gremio Celadi doctique Palaemonis adfert
quantum grammaticus meruit labor? et tamen ex hoc,
quodcumque est (minus est autem quam rhetoris aera),
discipuli custos praemordet acoenonoetus
et qui dispensat frangit sibi. cede, Palaemon,
et patere inde aliquid decrescere, non aliter quam* 220
*institor hibernae tegetis niueique cadurci,
dummodo non pereat mediae quod noctis ab hora
sedisti, qua nemo faber, qua nemo sederet
qui docet obliquo lanam deducere ferro,
dummodo non pereat totidem olfecisse lucernas* 225
*quot stabant pueri, cum totus decolor esset
Flaccus et haereret nigro fuligo Maroni.
rara tamen merces quae cognitione tribuni
non egeat. sed uos saeuas inponite leges,
ut praeceptori uerborum regula constet,* 230
*ut legat historias, auctores nouerit omnes
tamquam ungues digitosque suos, ut forte rogatus,
dum petit aut thermas aut Phoebi balnea, dicat
nutricem Anchisae, nomen patriamque nouercae
Anchemoli, dicat quot Acestes uixerit annis,* 235
*quot Siculi Phrygibus uini donauerit urnas.
exigite ut mores teneros ceu pollice ducat,
ut si quis cera uoltum facit; exigite ut sit
et pater ipsius coetus, ne turpia ludant,
ne faciant uicibus. non est leue tot puerorum* 240
*obseruare manus oculosque in fine trementis.
'haec' inquit 'cura; sed cum se uerterit annus,
accipe, uictori populus quod postulat, aurum.'*

3. Tradução

Não só a esperança mas também o motivo dos estudos³ se depositam somente em César. É o único que nesses tempos se voltou para as tristes

³ *Ratio studiorum*: *studia*, nesse sentido, é comum na Idade de Prata.

Camenas.⁴ Quando já célebres e conhecidos poetas tentavam tomar de empreitada um pequeno banho em Gabes,⁵ ou fornos em Roma, nem outros julgavam desonroso (5) ou torpe tornar-se pregoeiros. Quando Clio⁶ faminta mudava dos vales desertos de Aganipe⁷ para os átrios. Se nenhum quadrante⁸ se mostra para ti na sombra da Piéria,⁹ passes a amar o nome e um gênero de vida semelhante ao de Maquera,¹⁰ (10) e vender de preferência as coisas entregues a ti para serem leiloadas de pé na hasta pública: enóforo, trípode, armários, cestas, a *Alcitoe* de Pácio, as *Tebaidas* e o *Tereu* de Fausto.¹¹ Isto é preferível a dizeres no tribunal: “Vi aquilo que não vistes, que isto façam os cavaleiros da Ásia,¹² os cavaleiros da Capadócia e da Bitínia.¹³ (15) Que outra Gália¹⁴ mande aqueles calçados que deixam nu o calcanhar.” Ninguém todavia seja obrigado pelos seus estudos a suportar um trabalho indigno de agora em diante, todo aquele que entrelaça um elóquio vocal com metros canoros e mordeu o louro.

Coragem, ó jovens. A benevolência do imperador está atenta e vos estimula (20) e busca para si a ocasião. Ó Telesino,¹⁵ se julgas dever esperar de qualquer outra parte apoio para as tuas condições e para isso o pergaminho da cor de açafão é preenchido, pede um pouco de lenha o quanto antes e o que compões oferece ao marido de Vênus (25) ou tranque os teus libretos e os exponha aos furos da traça. Quebra o mísero cálamo e destrua as tuas batalhas das vigílias, tu que escreves poemas sublimes em um pequeno quarto para que te tornes digno da hera e de uma estátua magra. Nenhuma outra esperança; o rico avaro já aprendeu (30) somente a admirar, somente a elogiar a eloquência como os meninos a ave de Juno.¹⁶ Mas a idade avança não só para suportar o mar mas também a guerra e o cultivo da terra. O tédio então penetra o ânimo, então a velhice facunda mas miserável odeia a si própria e a sua Terpsícore.¹⁷ (35)

⁴ *Camenas*: Alguns poetas utilizavam, em vez de *Musas*, o termo *Camenas*, divindade itálica. O adjetivo *tristes* quer designar a condição miserável do poeta.

⁵ *Balneolum Gabiis*: diminutivo depreciativo de *balneum*. A cidade era visitada por causa dos seus banhos sulfurosos.

⁶ *Clio*: Musa da História, no verso significa musa em geral.

⁷ Aganipe: fonte consagrada às musas no monte Helicão.

⁸ Quadrante: a moeda de menor valor em uso.

⁹ Piéria: distrito situado ao norte do monte Olimpo.

¹⁰ Maquera: nome de um leiloeiro público. A profissão de leiloeiro era desprezada, apesar de lucrativa.

¹¹ *Alcitheon*, de Pácio, e *Thebas e Terea*, de Fausto, sobre esses dois poetas, não existe nenhum testemunho, provavelmente poetas ruins.

¹² Cavaleiros da Ásia: A província da Ásia era o reino de Pérgamo, doado ao povo romano por Átalo III. Ao usar o substantivo *equites*, Juvenal está sendo sarcástico, pois dificilmente teriam recebido essa distinção. Eram considerados perjuros e enganadores.

¹³ Cavaleiros da Capadócia e da Bitínia: regiões da Ásia Menor.

¹⁴ A outra Gália: é a Galácia, região da Ásia Menor para a qual, no século III a.C., emigraram populações célticas da Gália. Provavelmente calçavam um sapato aberto na parte posterior que os tornavam ridículos.

¹⁵ Telesino: destinatário da sátira, poeta de pouco sucesso.

¹⁶ Ave de Juno: o pavão.

¹⁷ Terpsícore: Musa da dança, no verso significa musa em geral.

Aprende agora as artimanhas. Para que não te dê algo aquele que tu cultuas, tendo abandonado o templo das Musas e de Apolo; ele próprio compõe versos e é superado somente por Homero por causa dos seus mil anos. E se tu, inflamado pela doçura da fama, desejas recitar, ele te empresta uma casa suja. (40) Desta casa há muito tempo fechada é disponibilizada a chave cuja porta de entrada imita os portões de uma cidade acossada. Oferece libertos que se sentam na última parte da fileira e coloca à disposição as altas vozes dos clientes. Nenhum dos patronos oferecerá o valor dos assentos (45), dos estrados que pendem da trave alugada e da orquestra que foi posta com cadeiras a serem restituídas. Nós próprios todavia continuamos isto, traçamos sulcos na fina areia e revolvemos a praia com um estéril arado. Se desejas afastar-te, o hábito de uma má ambição te mantém no laço, (50) a incurável mania de escrever mantém muitos e envelhece em um coração doente. Mas o poeta egrégio que não tem veia banal, que costuma compor nada vulgar, que não cunha um poema trivial com uma moeda comum, (55) este que não consigo mostrar mas somente sentir. Produz somente um espírito desprovido de ansiedade, não sofredor de qualquer preocupação, ávido das florestas e apto a beber as fontes da Aônia.¹⁸ Não pode pois cantar sob a caverna das Piérides,¹⁹ nem tocar o tirso e a triste (60) pobreza e a falta de dinheiro das quais dia e noite o corpo padece. Saciado está quando diz Horácio: “Evoé!”²⁰ Que espaço para o talento, quando a tua mente, que não admite dois pensamentos, é arrastada pelos senhores de Cirra e de Nisa²¹ e se atormenta somente com a poesia? (65) Precisa-se de uma grande mente, não perturbada por obter uma coberta para direcionar a sua atenção para os carros, os cavalos e as faces dos deuses e como uma das Erínias confunda a mente de Rútulo.²² Sem dúvida se para Virgílio faltassem um escravo e uma casa suportável, todas as hidras teriam caído dos cabelos (70) e a trombeta surda não teria lamentado nada grave. Exigimos que Rubreno Lapa²³ não seja inferior do que o antigo coturno cujo *Atreu* empenha não só as vasilhas mas também o manto. O miserável Numitor²⁴ não tem o que mandar ao amigo, para Quintília tem o que presentear, nem lhe faltou (75) recurso para que comprasse um leão domesticado que devia ser alimentado com muita carne. É evidente que o animal certamente é de gasto menor e que o estômago do poeta exige um gasto maior. Satisfeito com a fama, Lucano²⁵ pode estar tranquilo nos seus jardins de mármore, mas para Serrano e

¹⁸ Aônia: região onde ficavam as florestas e as fontes das musas.

¹⁹ Piérides: as Musas.

²⁰ Evoé: grito das Bacantes.

²¹ Senhores de Cirra e Nisa: Apolo e Dioniso, respectivamente.

²² Erínias... mente de Rútulo: alusão à *Eneida*, de Virgílio. Turno, o rei dos rútilos foi tomado pela ira, isto é, por uma das três Erínias, as Fúrias, no caso, Alecto.

²³ Rubreno Lapa: tragediógrafo desconhecido.

²⁴ Numitor: Juvenal é sarcástico ao usar o adjetivo *infelix* para um rico que não oferece dinheiro a um amigo poeta, mas dispende altas somas com artigos luxuosos.

²⁵ Lucano: autor da época de Nero, escreveu o poema épico *Farsália*. Era riquíssimo.

o pobre Seleio²⁶ (80), a que serve a glória, por maior que seja, se todavia é somente glória? Correm para ouvir a agradável voz e a poesia da deliciosa *Tebaidas* quando Estácio²⁷ deixou a cidade feliz e anunciou o dia: ele impressionou as mentes atraídas por tamanha doçura e com tanto prazer do público (85) é ouvido. Mas, depois que fez quebrar os assentos com os seus versos, passa fome se não vende a Páris²⁸ a sua Agave inédita. Aquele [isto é, Páris] distribui a muitos cargos militares e coloca no dedo dos poetas o anel de ouro semestral. O que não dão os patrícios, dará o histrião. Tu próprio velas os Camerinos²⁹ (90) e Barea,³⁰ tu os grandes átrios dos nobres. “Pelopea” faz os prefeitos, “Filomela”³¹ tribunos. Todavia não tenhas inveja do poeta que se sustenta com o teatro. Que Mecenas haverá para ti? Que, agora, Proculeio³² ou Fábio?³³ Que, de novo Cota³⁴ ou um segundo Lântulo?³⁵ (95) Naqueles tempos a recompensa estava à altura do talento, então era útil a muitos tornar-se pálido (nos estudos) e abster-se do vinho durante todo o dezembro. Ora o vosso trabalho é mais fecundo, escritores de história? Este consome mais tempo e mais óleo. Certamente sem nenhum limite surge a milésima página (100) para todos e continua a aumentar os muitos gastos com o papiro. Assim exige o imenso volume da matéria e a lei do gênero. O que contudo daí colhes? Que fruto provém da terra arada? O que proporcionará a um historiador quanto poderia proporcionar a um que lê as notícias do dia? “Mas gente ociosa porque goza do leito e da sombra” (105) Diz portanto o que as atividades civis fornecem aos causídicos e os apontamentos em grandes maços que carregam. Eles próprios pronunciam grandes discursos mas então quando especialmente um credor está ouvindo ou se mais energicamente do que aquele tocou-lhe o flanco aquele que veio com um grande registro por causa de um débito dúbio. (110) Então buracos como foles destilam imensas mentiras e a toga no peito se suja com o cuspe: se desejas descobrir os seus verdadeiros ganhos, põe em um lado o patrimônio de cem causídicos e em outro somente o do vermelho Lacerta.³⁶ Os comandantes estão sentados, tu, pálido Ajax, ficando de

²⁶ Serrano e Saleio: poetas da época de Domiciano que gozavam de grande notoriedade, mas que, provavelmente, não eram ricos.

²⁷ Estácio: poeta épico, autor das *Tebaidas*, ouvidas com grande admiração nos auditórios, mas não obtinha retorno em dinheiro. Juvenal cita uma outra obra escrita por ele: *Agave*.

²⁸ Páris: pantomimo que gozava de muito prestígio na corte de Domiciano e, por isso, podia distribuir cargos militares e outras regalias. Os tribunos militares usavam, como marca dessa função, um anel de ouro.

²⁹ Camerinos: ilustre família de Roma.

³⁰ Barea: nobre condenado à morte por Nero.

³¹ Pelopea e Filomela: títulos de pantomimas ou tragédias.

³² Proculeio: personagem da época de Augusto, generoso em relação aos empobrecidos pelas guerras civis.

³³ Fábio: protetor de Ovídio.

³⁴ Cota: também protetor de Ovídio.

³⁵ Lântulo: personagem de identificação incerta.

³⁶ Vermelho Lacerta: As equipes que corriam no Circo eram distinguidas pelas cores dos casacos do auriga: branca, verde, azul e vermelha.

pé, (115) hás de dizer argumentos dúbios sobre uma liberação diante de um juiz roceiro. Rompe, miserável, o teu fígado inchado, quando a ti exausto serão afixadas verdes palmas, glória das tuas escadas. Qual recompensa pela voz? Um presuntinho seco e um pote de atuns jovens ou velhas cebolas, ração mensal dos mouros, (120) ou vinho transportado no Tibre, cinco bilhas. Se advogaste quatro vezes, ainda que tiveste obtido um único áureo, daí se abatem os quinhões de acordo com a convenção dos legistas. A Emílio³⁷ será dado tanto quanto é permitido ainda que nós mesmos tratemos causas com mais competência. No entanto, no vestibulo da sua casa há um carro de bronze, (125) uma alta quadriga e ele mesmo sentado sobre um feroz cavalo de guerra ameaça arremessar à distância uma lança recurvada e uma sua estátua caolha máquina batalhas. Se Pedão vai à falência e Matão está na miséria, este é o fim de Tongílio,³⁸ que costuma se lavar com um grande vaso de chifre de rinoceronte (130), e a multidão suja de lama que põe em desordem as termas e pelo fórum faz pressão sobre os jovens escravos com a sua grande liteira para haver de comprar escravos, peças de prata, vasos de murra, vilas; garante pois tecidos preciosos de púrpura de fios tírios. Contudo, isto é útil àqueles. A púrpura enobrece (135). Roupas da cor da ametista enobrecem um causídico; convém a ele viver não só em um clamor como também em uma aparência de maior riqueza, mas em gastos a pródiga Roma não põe limite.

158

Confiamos na nossa eloquência? Ninguém atualmente daria duzentos sestércios se um grande anel não brilhasse no dedo de Cícero. (140) Voltam a atenção àquelas coisas em primeiro lugar quem defende uma causa ou se tu tens oito escravos, dez acompanhantes de comitiva ou uma liteira atrás de ti ou à frente pés togados. Por isso, Paulo³⁹ defendia causas com uma sardônica alugada e dessa forma ganhava mais do que Galo e Basílio⁴⁰. Rara em trapos é a eloquência. (145) Quando seria permitido a Basílio defender a causa de uma mãe que chora? Quem poderia suportar Basílio mesmo discursando bem? Que a Gália te acolha ou de preferência a África nutriz dos causídicos, se te agrada obter uma recompensa da tua eloquência. Ensinas declamação? O férreo coração de Vécio,⁴¹ (150) quando a tua classe numerosa mata os tiranos cruéis. Tudo aquilo que, sentado, acabara de ler, de pé estas mesmas coisas reproduz e as mesmas coisas declamará com os mesmos versos. A mesmice mata os miseráveis professores. Qual colorido do estilo e qual seja o gênero da causa e onde está a conclusão (155) da questão, quais flechas partem da direção oposta desejam todos saber,

³⁷ Emílio: rico advogado da época de Domiciano.

³⁸ Pedão, Matão, Tongílio: advogados menos expressivos.

³⁹ Paulo: advogado obscuro que tomava de aluguel objetos para ostentar riqueza.

⁴⁰ Galo e Basílio: advogados mais competentes que porém não utilizavam os expedientes de Paulo.

⁴¹ Vécio: professor de retórica que, nas *suasoriae*, dava preferência a temas contra os tiranos, argumento muito adequado às declamações.

ninguém deseja pagar o valor (das aulas). “Pedes o dinheiro? O que de fato aprendi?” “Sem dúvida a culpa do professor é evidente porque da parte do mamilo esquerdo nada bate ao jovem da Arcádia. A cada seis dias (160), o cruel Aníbal enche a minha pobre cabeça, isto é tudo aquilo que sobre o qual delibere ou procure atingir Roma a partir de Cannes ou cauteloso depois das chuvas e raios faça dar a volta as coortes banhadas pela tempestade. Quanto desejas receber imediatamente recebe. O que dou (165) para que tantas vezes o pai ouça aquele?” Isto uns seis ou mais sofistas gritam a uma só voz e travam verdadeiras batalhas, deixando de lado o raptor. Calam os venenos versados, o malvado e ingrato marido e as pomadas que já curam cegos de longa data. (170) No entanto, ele próprio adotará para si o bastão se os nossos conselhos não o moverem, e empreenderá um caminho de vida diverso aquele que do conforto da escola de retórica dirige-se para a batalha do foro, para que a pequena soma da qual se obtém a tésseira de baixo custo do trigo não desapareça totalmente, pois esta é uma recompensa extremamente distinta. (175)

Informa-te quanto Crisógono ganha, ou Polião,⁴² para ensinarem os filhos dos ricos, rasgarás toda a *Arte* de Teodoro.⁴³ Os seus banhos custam seiscentos sestércios e muito mais o pórtico no qual é levado em liteira o patrão toda vez que chove. Por acaso deveria esperar o céu sereno e sujar os jumentos com a lama recente? (180) De preferência neste lugar, pois neste lugar brilha o casco da mula elegante. De outra parte surja a sala do almoço sustentada com altas colunas da Numídia e arrebate o sol de inverno. Por quanto custa a casa, haverá quem prepare com perícia as iguarias, haverá quem condimente os pratos. (185) Entre esses gastos serão suficientes a Quintiliano⁴⁴ dois mil sestércios e é muito. Nada custará menos ao pai do que seu filho. “De onde então Quintiliano obtém dinheiro para tantas propriedades? Não te detenhas exemplos de destinos extraordinários. O homem afortunado é bonito e também enérgico, (190) o homem afortunado é sábio, é célebre, de ascendência ilustre, ele leva a lua colocada no sapato negro; o homem afortunado é também melhor orador e lançador de dados e mesmo resfriado canta bem. A diferença reside no que as estrelas te reservam no momento em que comesças (195) a lançar os primeiros vagidos e ainda vermelho com o sangue da tua mãe. Se a Fortuna quiser, tu, de retor, tornar-te-á cônsul; se ela igualmente quiser, de cônsul tornar-te-á retor.

⁴² Crisógono e Polião: provavelmente dois professores de Retórica.

⁴³ *Arte* de Teodoro: Teodoro foi professor de retórica do imperador Tibério; a sua *Arte* era um tratado de retórica.

⁴⁴ Quintiliano: autor da época de Domiciano, foi advogado e professor de retórica, o primeiro a ser regularmente muito bem pago pelo Estado, na época de Vespasiano. Escreveu a obra intitulada *Institutio oratoria*.

(200) O que pois Ventídio?⁴⁵ O que Túlio?⁴⁶ Por acaso uma estrela diversa e a admirável potência de um misterioso destino? Aos escravos os destinos darão reinos, aos prisioneiros triunfo. Aquele afortunado contudo é mais raro do que um corvo branco. Muitos se arrependem da vã e estéril cátedra como prova a morte de Lisímaco e de Segundo Carrinas;⁴⁷ e tu o viste indigente, Atenas (205) nada exceto a fria cicuta ousaste oferecer-lhe.

Ó deuses, dai às sombras dos antepassados uma terra leve, sem peso, e que respirem perfume de açafão e, na urna, uma eterna primavera aqueles que desejaram que o professor ocupasse o lugar de um pai, inviolável. Temendo a vara, Aquiles, já grande, (210) cantava nos montes da pátria e não teria provocado o riso a cauda do professor citaredo. Mas os jovens ferem Rufo⁴⁸ e outros, Rufo que diziam várias vezes ser o Cícero alóbrogo. Quem a bolsa de Celado⁴⁹ e do douto Palémon⁵⁰ paga (215) o quanto mereceu o esforço do professor de gramática? E todavia, disso, tudo aquilo que seja é por sua vez, menor do que salário do professor de retórica, guardião inepto do aluno e aquele que paga retém uma parte para si. Cede, Palémon, e suporta daí algo diminuir, não diferentemente que (220) o vendedor de cobertas de inverno e de lençóis brancos contanto que não perca aquilo que fizeste sentado a partir da metade da noite quando nenhum artesão, ninguém que ensina a cardar a lã com o ferro recurvado teria ficado sentado. Contanto que não tenha sido em vão ter respirado o cheiro das lucernas precisamente (225) quanto são os alunos, quando todo Flaco⁵¹ estava escuro e a fuligem aderiu ao negro Marão.⁵² Contudo raro é um salário que não dispense a inquirição do tribuno. Mas vós impondes leis cruéis: o professor deve fixar as regras da língua, (230) ler história, conhecer todos os autores como seus próprios dedos e unhas, para que por acaso interrogado quando se dirige ou às termas ou aos banhos de Febo⁵³ possa dizer o nome da nutriz de Anquises,⁵⁴ o nome e a pátria da madrasta de Aquêmolos,⁵⁵ possa dizer quantos anos Acestes⁵⁶ teria vivido, (235) quantas urnas de vinho sículo teria oferecido aos frígios. Exigi que forme como com o polegar o caráter juvenil dos vossos filhos como quem

⁴⁵ Ventídio: Públio Ventídio Basso veio a Roma como prisioneiro depois da guerra social, foi cônsul no ano de 43. Triunfou na guerra contra os partos (38 a.C.).

⁴⁶ Túlio: Sêrvio Túlio, sexto rei de Roma, filho de uma escrava.

⁴⁷ Lisímaco e Segundo Carrinas: desses dois professores de retórica, do primeiro é incerto até mesmo o nome; os códices trazem Lisímaco, Trasímaco e Tersímaco. De Segundo Carrinas, há uma informação em Dion Cássio de que teria sido expulso de Roma por ordem de Calígula.

⁴⁸ Rufo: professor de retórica, oriundo da Gália Narbonense, habitada pelos alóbrogos e por isso chamado Cícero Alóbrogo por aqueles que queriam exaltar as suas qualidades oratórias.

⁴⁹ Celado: gramático desconhecido.

⁵⁰ Palémon: famoso professor de retórica da época de Nero e professor de Quintiliano.

⁵¹ Flaco: Horácio (*Quintus Horatius Flaccus*).

⁵² Marão: Virgílio (*Publius Vergilius Maro*)

⁵³ Febo: um personagem qualquer (“banhos de Febo”),

⁵⁴ Anquises: pai de Eneias.

⁵⁵ Um dos guerreiros do rei Turno.

⁵⁶ Acestes: Fundou uma colônia na Sicília. Acolheu Eneias e sepultou Anquises.

molda um rosto com cera; exige que seja também pai da própria classe para que não cometam jogos repugnantes e não façam jogos entre si. “Não é fácil vigiar as mãos de tantos meninos (240) e os seus olhos que batem no momento final”. “Diz: isto é sua função. Mas quando tiver passado o ano, recebe o dinheiro que o povo pede para um vencedor”.

4. Comentários

14-17: *quod non uidisti; faciant equites Asiani, // [quamquam et Cappadoce faciant equitesque Bithyni] // altera quos nudo traducit gallica talo. // nemo tamen studiis indignum ferre laborem.*

Juvenal faz referência aos asiáticos que, chegados a Roma, faziam carreira e conseguiam atingir a ordem dos cavaleiros, com perjúrios e intrigas. A Capadócia e a Bitúnia eram regiões da Ásia Menor, enquanto a “outra Gália”, também na Ásia Menor, é a Galácia, para onde, no terceiro século a.C., transferiram-se populações da Gália; sobre o tipo de calçado que utilizavam, o passo não tem interpretação unânime, parece que usassem uma espécie de sandália aberta na parte posterior, chamada *gallica*.

25: *componis dona Veneris, Telesine, marito:*

Referência a Vulcano (deus do fogo); quer dizer que devem ser lançados ao fogo.

44: *ordinis et magnas comitum disponere uoces:*

Uma das funções do cliente pobre era aplaudir os poetas protegidos pelo seu patrono.

57-62: *anxietate carens animus facit, omnis acerbi // inpatiens, cupidus siluarum aptusque bibendis // fontibus Aonidum. neque enim cantare sub antro // Pierio thyrsumque potest contingere maesta // paupertas atque aeris inops, quo nocte dieque // corpus eget: satur est cum dicit Horatius 'euho.'*

As musas habitam a Aônia, por isso as selvas e as fontes das musas são chamadas de “aônias”. Juvenal insiste na condição do poeta: a miséria não sabe se inspirar nas grutas das musas (as *Pierides*), nem tocar o tirso, uma espécie de cana adornada com folhas de hera e brotos de videira usadas pelas Bacantes em suas danças, simbolizando o espírito dionisíaco do talento poético. “Evoé” é o grito das Bacantes, usado por Horácio nas *Odes* (II, 19, 5-8). Horácio é mencionado para personificar o poeta em geral, mas também acentuar a distinção entre a poesia da sua época e a anterior, da época de Mecenas.

66-68: *magnae mentis opus nec de lodice paranda // attonitae currus et equos faciesque deorum // aspicere et qualis Rutulum confundat Erinys.*

Alusão a Virgílio, através de temas da *Eneida*. Os rútuos foram obstáculo à instalação de Enéias no Lácio. O rútuio em questão é Turno, rei dos rútuos, aqui dominado pela ira, representada pela *Erinys* do passo; o substantivo é geralmente

usado no plural, o singular, designando uma das três Fúrias, pode ser também explicado por exigências métricas.

77-81: *...constat leuiori belua sumptu// nimirum et capiunt plus intestina poetae// contentus fama iaceat Lucanus in hortis// marmoreis, at Serrano tenuique Saleiio// gloria quantalibet quid erit, si gloria tantum est?*

Lucano, que sabemos ter sido riquíssimo, é o grande poeta da época de Nero, autor da *Farsália*. Serrano e Saleio Basso são poetas da época de Domiciano; não deviam ser ricos, mas parece que tiveram alguma notoriedade.

86-87: *...sed cum fregit subsellia uersu// esurit, intactam Paridi nisi uendit Agauen.*

Papírio Estácio foi poeta épico, autor da *Tebaide*, de grande sucesso. A *Agauê* em questão é uma tragédia composta por ele sobre o mito das Bacantes. Páris, já mencionado por Juvenal, era um histrião muito próximo a Domiciano.

94-97: *quis tibi Maecenas, quis nunc erit aut Proculcius// aut Fabius, quis Cotta iterum, quis Lentulus alter?// tum par ingenio pretium, tunc utile multis// pallere et uinum toto nescire Decembri.*

Mecenas foi o famoso protetor de artistas da época de Augusto; Proculeio também foi protetor de artistas famosos, como certamente também o Fábio mencionado, que é de difícil identificação. Cota e Lêntulo também foram grandes personagens apreciadores das artes. A referência a dezembro é devida a ocorrência nesse mês dos *Saturnalia*, festas marcadas por excessos pessoais de todo o tipo.

100-102: *Nulla quippe modo millensima pagina surgit// omnibus et crescit multa damnosa papyro// sic ingens rerum numerus iubet atque operum lex.*

Nos poucos versos afirma, no entanto, que não mais rentável é o trabalho dos historiadores. Por causa da complexidade do gênero, o escritor de história consome mais do seu tempo e mais óleo para a sua lâmpada.

O gênero exige, geralmente, o gasto de muito papiro, visto que o escritor não limita os argumentos tratados.

Segundo Courtney (COURTNEY, 1980, p. 362), cada *uolumen* comportava 200 *paginae* (“colunas”), geralmente muitos historiadores estendiam sua obra a 5 – 10 *uolumina*.

104: *quis dabit historico quantum daret acta legenti?*

Em Roma, publicavam-se todos os dias os chamados *Acta diurna*, folhetos com as notícias oficiais mais importantes, compilados pelo Estado e afixados em lugares públicos.

106-107: Também o trabalho do advogado é mal recompensado, exceto caso ostente riqueza, mesmo não verdadeira.

São necessárias informações históricas para a compreensão dos versos:

Dic igitur quis causidicus ciuilia praestant//officia...

Paolicchi (1986, p.474) afirma: “A defesa legal era, primeiramente, uma função civil do homem político, um aspecto da relação patrono e cliente. A lei Cíncia

(204 a.C.) proibia retornos em dinheiro e em presentes, apesar de não ter sido sempre respeitada, principalmente, em relação aos presentes. Augusto a retomou (17 a.C.), introduzindo punições a quem recebesse recompensas. Depois, com o principado, isto também mudou: o patrocínio legal passou a não ser mais gratuito, exceto no caso de advogados ricos, como Plínio. Cláudio estabeleceu um pagamento de dez mil sestércios”.

119-121: *quod uocis pretium? siccus petasunculus et uas// pelamydum aut ueteres, Maurorum epimonia, bulbi // aut uinum Tiberi deuectum, quinque lagonae*

A *epimonia Maurorum* é a ração mensal para um escravo africano. O vinho vindo da Toscana, ou seja, pelo Tibre, eram vinhos pouco apreciados, em oposição aos da Campânia.

147-149: *...accipiat te// Gallia uel potius nutricula causidicorum// Africa, si placuit mercedem ponere linguae,*

A Gália e a África eram então, já havia algum tempo, sede de renomadas escolas de retórica.

152: *Nam quaecumque sedens modo legerat, haec eadem stans*

Há duas interpretações para a entediante leitura em sala: a inteira classe lê a mesma declamação, primeiramente, sentada, depois de pé; ou então: lê sua declamação primeiro quem está sentado, depois os mais velhos que estão de pé. (PAOLICCHI, 1996, p. 480).

160-164: *...cuius mihi sexta// quaque die miserum dirus caput Hannibal inplet, // quidquid id est de quo deliberat, an petat urbem// a Cannis, an post nimbos et fulmina cautus// circumagat madidas a tempestate cohortes.*

Juvenal menciona um tema muito utilizado nas escolas de declamação para a produção de *suasoriae*: a figura de Aníbal era a predileta e sua incerteza, na 2ª guerra púnica, que depois da derrota romana em Cannes (216 a.C.), não ousou atacar diretamente o exército romano.

Além disso, a incerteza vivida junto aos pântanos em volta do lago Trasimeno e resolvida com uma manobra famosa que lhe permitiu vencer os romanos (BARELLI, 1960, p. 342-343).

166-170: *...haec alii sex// uel plures uno conclamant ore sophistae// et ueras agitant lites raptore relicto; // fusa uenena silent, malus ingratusque maritus// et quae iam ueteres sanant mortaria caecos.*

Nesses versos, temas de *controuersiae* que eram fictícias: raptos de jovens, envenenamentos, sofrimentos femininos no matrimônio, descrição de compostos farmacêuticos que restituem a visão (VIANSINO, 1990, p. 310).

175-177: *...quippe haec merces lautissima. Tempta// Chrysogonus quanti doceat uel Pollio quanti// lautorum pueros, artem scindes Theodori.*

Os mesmos nomes, Crisógono e Polião, aparecem na sátira VI como cantores. Aqui parece que sejam outros, agora dois *rhetores*. Quanto a Teodoro, sabe-se que foi mestre de Tibério e a sua *Ars* era um texto de retórica.

197-199: *si Fortuna uolet, fies de rhetore consul; // si uolet haec eadem, fiet de consule rhetor. // Ventidius quid enim? quid Tullius? ...*

P. Ventídio Basso, cônsul em 43, tinha sido um condutor de mulas; Sérvio Túlio, rei de Roma, era filho de uma escrava.

213-214: *sed Rufum atque alios caedit sua quemque iuuentus, // Rufum, quem totiens Ciceronem Allobroga dixit.*

O retor Rufo era originário da Gália Narbonense habitada pelos alóbrogos e por isso e pelos seus dotes oratórios chamado de Cícero Alóbrogo.

226-227: *quot stabant pueri, cum totus decolor esset // Flaccus et haereret nigro fuligo Maroni.*

Os bustos de Horácio e Virgílio, muito comuns nas escolas e bibliotecas, estavam já escurecidos pelo fogo e pela fumaça das lanternas que iluminavam tais ambientes.

230-236: *ut praeceptorum uerborum regula constet, // ut legat historias, auctores nouerit omnes // tamquam unguis digitosque suos, ut forte rogatus, // dum petit aut thermas aut Phoebi balnea, dicat // nutricem Anchisae, nomen patriamque nouercae // Anchemoli, dicat quot Acestes uixerit annis, // quot Siculi Phrygibus uini donauerit urnas.*

Juvenal, depois de listar as várias competências exigidas aos professores de gramática, ironicamente, ridiculariza as perguntas que lhe são dirigidas quando está na via pública, todas de vã erudição: a nutriz de Anquises era Tisífone, mas é uma informação de um escoliasta e não aparece em outras fontes; Anquêmolos e Acestes são personagens da *Eneida*, respectivamente dos livros X e V.

242-243: *“Haec”, inquit, “cura, sed cum se uerterit annus, // accipe, uictori populus quod postulat, aurum”.*

Courtney (1986, p. 380): “A um gladiador vitorioso eram pagos 500 sestércios se *aucturatus*, ou 400 se um escravo”.

REFERÊNCIAS

Edições e traduções

BARELLI, E. (trad.). **Decimo Giunio Giovenale: Satire**. Milano: Rizzoli, 1960.

DE LABRIOLLE, P.; VILLENEUVE, F. **Juvénal, Satires**. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

PAOLICCHI, L. (cur.). **Persio – Giovenale: Le satire**. Roma: Salerno Ed., 1996.

VIANSINO, G. (cur.). **Decimo Giunio Giovenale: Satire**. Milano: Mondadori, 1990.

Estudos

COURTNEY, E. **A Commentary on the Satires of Juvenal**. London: Athlone Press, 1980.

HELMBOLD, W. C., O'NEIL, E. N. The Form and Purpose of Juvenal's Seventh Satire. **CPhil** (Classical Philology), Chicago, 54, 1959, p. 100-108.

LEFÈVRE, E. La letteratura dell'età repubblicana. In: GRAF, F. (dir.). **Introduzione alla filologia latina**. Roma: Salerno, 2003, p. 223-261.

PEPE, L. Questioni Adrianee. **Giornale Italiano di Filologia**, Tournhout, 14, 1961, p. 163-173.

Data de envio: 30/05/2023

Data de aprovação: 15/10/2023

Data de publicação: 15/12/2023